



**125 anos**

FACULDADE DE MEDICINA / UFRGS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Medicina

**125 anos**  
**Faculdade de Medicina**  
**UFRGS**

Porto Alegre  
2023

U58 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina.  
125 anos Faculdade de Medicina UFRGS/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Faculdade de Medicina; organizadores: Lúcia Maria Kliemann *et. al.* – Porto Alegre:  
UFRGS/FAMED, 2023.

372p.  
ISBN: 978-65-00-70073-2  
E-Book: 978-65-00-70074-9

1. Faculdade de Medicina 2. História 3. Memória I. Kliemann, Lúcia Maria, org. II. Biolo, Andréia, org. III. Capp, Edison, org. IV. Barros, Elvino José Guardão, org. V. Ramos, José Geraldo Lopes, org. VI. Cziepelewski, Mauro Antônio, org. VII. Goldani, Luciano Zubarán, org. VIII. Santos, Zilda Elisabeth de Albuquerque, org. IX. Salort, Shirlei Galarça, org. X. Título.

NLM: WX19

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Bibliotecária Shirlei Galarça Salort – CRB10/1929

**Imagens:** Acervo FAMED/UFRGS, Cadinho Andrade, Elvino José Guardão Barros, Liliane Weber, Luís Adriano Madruga (fotos aéreas 2023), Roger dos Santos Rosa, Ronaldo Bordin, Shirlei Galarça Salort

**Projeto Gráfico e Editoração:** Edison Capp

**Capa:** Edison Capp, Grazielle Borgueto Souza

**Logo 125 anos FAMED:** Laura Chao Chuang

**Revisão técnica e de linguagem:** Clair Azevedo e Maria do Horto Soares Motta



famed.ufrgs/

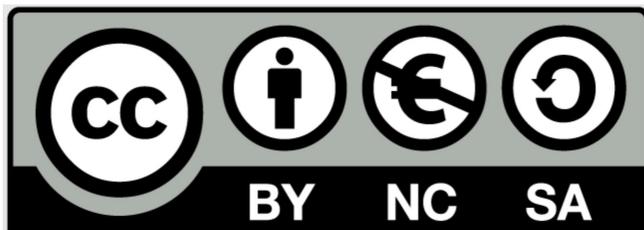


famed.ufrgs



administrativo-famed@ufrgs.br

Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Rua Ramiro Barcelos, 2400 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre, RS - CEP 90035-002



ESTE LIVRO ESTÁ LICENCIADO SOB UMA  
LICENÇA CREATIVE COMMONS

CC BY-NC-SA 4.0

Esta licença permite que outros distribuam,  
remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho,  
exceto para fins comerciais, desde que lhe  
atribuam o devido crédito pela criação original.



Livro comemorativo dos 125 anos da Faculdade de Medicina da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
1898-2023

Porto Alegre

Todos os direitos desta edição reservados à:  
Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Organizadores

Lúcia Maria Kliemann  
Andreia Biolo  
Edison Capp  
Elvino José Guardão Barros  
José Geraldo Lopes Ramos  
Mauro Antônio Czepielewski  
Luciano Zubarán Goldani  
Zilda Elisabeth de Albuquerque Santos  
Shirlei Galarça Salort

### Colaboradores

Adriani Oliveira Galão	José Antônio Crespo Cavalheiro
Alessandro Nakoneczny Schildt	José Roberto Goldim
Alexandre Marques Velho	Leonardo Monteiro Botelho
Alice Brauwert	Luísa Penz da Rosa
Ana Célia Siqueira	Luiz Roberto Malabarba
Ana Luiza Maia	Marcelo Garroni Teixeira
Ana Soledade Graeff Martins	Marcelo Rodrigues Gonçalves
Bárbara Niegia Garcia de Goulart	Marcelo Zubarán Goldani
Carlos André Aita Schmitz	Maria Isabel Boeira Oreste
Carlos Ernesto Rech	Morgana Lourenço de Souza Carvalho
Carlos Roberto Galia	Mosiris Roberto Giovanini Pereira
Cassia Pohlman Valle	Natan Katz
Clarice Bernhardt Fialho	Paula Linn
Cláudia Grabinski	Paulo Antônio Barros Oliveira
Cleber Dario Pinto Kruel	Renato Gorga Bandeira de Mello
Cristiane Bauermann Leitão	Roberto Nunes Umpierre
Cristina Karohl	Rodolfo Souza da Silva
Cynthia Goulart Molina-Bastos	Rodrigo Caprio Leite de Castro
Danilo Blank	Roger dos Santos Rosa
Erno Harzheim	Rogério Friedman
Fernanda Bortolaz Pivetta	Ronaldo Bordin
Fernanda Oliveira	Sérgio Ângelo Rojas Espinoza
Francisco Arsego Quadros de Oliveira	Sérgio H. Almeida Martins Costa
Gabriel Kuhl	Sotero Serrate Mengue
Giovanna Peres Loureiro	Themis Zelmanovitz
Gisele Gus Manfro	Vanessa Trindade Oliveira
Gislaine Martins Retamozo	Virgílio José Strasburg
Hugo Goulart de Oliveira	Walcy Pereira Oliveira
Jordana Ereias Dutra da Silveira	Waldomiro Carlos Manfro

---

---

# Os Símbolos da Medicina

---

---

José Roberto Goldim

Muito tem sido escrito e discutido a respeito dos símbolos associados à Medicina. Eles estão presentes em diferentes tradições, tais como as hindus, egípcias, israelitas, gregas e romanas.

Na Índia, cerca de 2.600 a.C., já existia um símbolo que era composto por um bastão de metal com duas serpentes entrelaçadas. Na parte superior do bastão, estavam localizadas duas asas e uma esfera. A esfera significava a luz. As duas serpentes representavam os opostos. Esse símbolo era associado a kundalini, à energia associada à vida. Em sânscrito, a palavra kundalini, significa: enrolado como uma cobra. O seu significado é que o equilíbrio desta energia é que mantém o corpo saudável.

No Egito antigo, Heka era o deus associado à Medicina. Nos papiros egípcios, escritos ao redor do ano 1.700 a.C., o símbolo associado ao deus Heka era um cajado de madeira com duas serpentes entrelaçadas. Heka, após matar as duas serpentes, as entrelaçou em seu cajado. Essa era a representação de seu poder.

O livro dos Números, escrito ao redor do ano 500 a.C., faz parte da tradição judaica e cristã. Segundo esse texto, Moisés recebeu a orientação divina de que, para salvar a vida das pessoas que fossem mordidas por alguma cobra, deveria colocar uma serpente de bronze em um cajado. Bastava olhar para o cajado com a serpente de bronze para a pessoa ser salva.

Na tradição grega e romana, símbolos semelhantes também foram associados a diferentes divindades. Hermes, ou Mercúrio, e Asclépio, ou Esculápio, tinham caduceus ou cajados como seus símbolos.

Hermes era irmão de Apolo, ambos filhos de Zeus. Hermes era associado à astúcia, à mobilidade, ao comércio e às trocas. O seu símbolo era um pequeno bastão de metal, originalmente apenas com adorno entrelaçado na sua parte superior. Não era um cajado, pois era curto para ser levado nos braços, e não apoiado no chão. Esse objeto é que recebeu a denominação de caduceu. Era um símbolo de proteção para o seu portador, que tinha a missão de levar uma mensagem, de promover a harmonia entre partes conflitantes. Posteriormente, o caduceu recebeu asas e uma esfera na sua parte superior. As asas representam a mobilidade, e a esfera de metal, a luz que se irradia. Hermes, ao encontrar duas serpentes que estavam se enfrentando, utilizou o seu caduceu para apaziguá-las. A partir de então, em muitas representações, o caduceu incorporou as duas serpentes entrelaçadas, agora em uma situação de complementaridade, e não mais de enfrentamento. Posteriormente, esse mesmo caduceu recebeu, na sua parte superior, um capacete alado. Esse símbolo, além da Medicina e da saúde, passou a ser também utilizado pelo Comércio e pela Contabilidade.

Uma outra versão envolve Asclépio, que era filho de Apolo e Coronis, e pai de Higeia e Panaceia. Apolo, Asclépio, Higeia e Panaceia são reverenciados no início do juramento feito pelos alunos da Escola Hipocrática. Asclépio tinha o dom de curar, que aprendeu com o centauro Quiron, e utilizou esse poder inclusive para ressuscitar os mortos. Para evitar que a ordem natural – da vida para a morte – fosse alterada, Zeus, avô de Asclépio, o matou. Posteriormente, volta à vida para poder continuar a tratar e cuidar dos doentes. Nas representações de

Asclépio, ele utiliza um cajado de madeira de louro, com uma serpente ao seu redor. Uma outra curiosidade é que Higeia, ou Hígea, deusa da Saúde, é representada por um cálice com uma serpente a ele enrolada, representando a harmonia e a possibilidade de cura. O símbolo foi muito utilizado pela Farmácia. No livro do centenário da Faculdade de Medicina, houve uma combinação entre o Cajado de Asclépio e o Cálice de Higeia, talvez para relembrar a origem acadêmica da nossa Faculdade.

Não há unanimidade quanto ao símbolo da Medicina: caduceu de Hermes ou cajado de Asclépio. Tal confusão pode ser explicada, pelo menos em parte, por um equívoco e algumas escolhas.

Quando a obra de Hipócrates foi impressa por Johannes Froben, em 1538, na Suíça, na página de rosto do livro havia um caduceu de Hermes, que era a identificação da editora. A imagem era referente ao editor e não à obra publicada. Porém muitas pessoas associaram, equivocadamente, a escolha dessa ilustração ao conteúdo da obra.

A confusão dos nomes – cajado e caduceu – foi agravada com a publicação, pelo exército francês, em 1901, de uma revista científica médica que tinha o título *Le caducée*, mas que utilizava, como logotipo, o cajado de Asclépio. Uma outra escolha ocorreu em 1902. O exército norte-americano, na ocasião, alterou a insígnia utilizada para identificar os serviços médicos militares. O símbolo do cajado de Asclépio, que era utilizado até então, foi substituído pelo caduceu de Hermes. Muitos outros serviços médicos adotaram esse mesmo símbolo.

O cajado de Asclépio é, talvez, o símbolo que melhor represente a Medicina. O bastão de louro, com apenas uma única serpente a ele associada, é utilizado por muitas instituições ligadas à saúde e à Medicina. O cajado de Asclépio, ainda que de forma estilizada, consta no logotipo

da Organização Mundial da Saúde, da Associação Médica Americana e da Associação Médica Brasileira, entre outras.

Cajado ou caduceu, madeira ou metal, com uma ou duas serpentes, esses são os elementos dos diferentes símbolos associados à Medicina em distintas culturas ao longo da história. Na tradição ocidental, de origem grega-judaica-romana, o melhor símbolo é o cajado de Asclépio, pois associa o cajado à serpente, ou seja, à precaução e à sabedoria, tão necessárias para a prática da Medicina.

### Referências

PARRISH, D.O. The Symbol of Medicine: One Snake, Not Two. *JAMA*. v.261, n.23, 1989, p. 3412.

METZER, W.S. The caduceus and the aesculapian staff: Ancient eastern origins, evolution, and western parallels. *Southern Medical Journal*, v. 82, 1989:743-8.

PRATES, P.R. Do bastão de esculápio ao caduceu de mercúrio. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 79, n. 4, 2002, p. 434-6.

REZENDE, J.M. O símbolo da medicina. In: *A sombra do plátano: crônicas da história da Medicina*. São Paulo: Unifesp, 2009, p. 19-30.

